PARA LÁ DO QUOTIDIANO

O ENIGMA PORTUGUÊS

POR ANTÓNIO QUADROS

Ao fechar a obra fundamental de Francisco da Cunha Leão, seu caminho diferente da sua abertura, demonstrando então a validade de uma interrogação fenomenológica que sabe ter as dogmáticas e as metafísicas sistema de respostas. Os estudos, metódicos e incisivos que constituem a importante biblioteca de filosofia portuguesa contemporânea — os nomes como de de Cunha Leão, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoais, Fernando Pessoa, Álvaro Ribeiro, Delfim Santos, José Marinho, Dias de Magalhães, Augusto Saraiva, ou Agostinho da Silva, para saber ou bem pensado — repetem sem dúvida uma antropologia onde não falta o espírito «lusíada» ou «sebastianista» ou «ser portugês». De entre os nomes citados, Teixeira de Pascoais, Álvaro Ribeiro e Agostinho da Silva ponem-se que, de modo diferente, na expressão de tal capítulo especial, em livros como o «A Terra e o Povo portugês», «A arte de filosofar» ou «A razão antemedeira» e «Dispersos».

Se Pascoais utiliza um método predominantemente místico-poético, uma gnose do sentimento e da emoção, Álvaro Ribeiro parte para o rigoroso estabelecimento de problemas e métodos, tentando com êxito a fusão de sistemas e sentidos e a sua ordenação ordenada, se Agostinho da Silva se sobretudo a portugalidade como momento histórico através da sua crença paraclítica e messiânica, pode dizer-se que nalguns autores conserva uma análise puramente fenomenológica, como acontece com Álvaro Ribeiro, ou sumidos pelos seus pensadores.

A fenomenologia como se sabe, mesmo aquela que Husserl e Merleau-Ponty divulgaram, recusa-se a ser teoria, a querer principios absolutos e a ascender do círculo dos fenomenos

As interpretações existenciais, idealistas, positivistas ou materialistas do «ser português» parecem diferir muito de «ser» do nacional pela «ser» do geral para o particular, do ideal para o fenomenico, do conceito para o sensível. Por isso as apresentarem como «explicações» genéricas, aproximativas, tendentes a presentar «signo» o enigma, mas reduzindo-o fatalmente a umas quaisquer «leis» biológicas, geográficas, sociais ou políticas.

Pois encontra-se o enigma humano, que Portugal apresenta à «análise» e considerado e decerto a parte de «ser» mesmo, isto é, das suas expressões «fenomenais» e «ideais» e «ideais» principalmente na fenomenologia literária, na «ciência» e filosofia, «ciência» no modo de ser pensar e agir e «filosofia» no modo de «ser» e «agir» no físico e reflexo de «ação» e de «expressão». Por que e para que se «ser» distinguia um grupo humano, uma «pátria» e uma «língua»? O «ser» nos seus dois pólos é uma condição do espaço e do tempo, da natureza humana e da «cultura» e «sociedade» histórica e fins que estão para além do «ser» e «ser» e «ser» e

ARTES e LETRAS

ASSIM FALA GEOMETRIA

(Continuado da 12.ª página)

mos, o local da «gia» no painel determina imediatamente a sua posição vertical: o das tábuas e o da pincura, isto é, até onde se pintam as tábuas e quanto fica debaixo do moldura no rebolado. Mas essa determina mais, as distâncias a que ficam do eixo vertical do lado da obra a parte pintada e o limite derradeiro das tábuas. Como se recomenda, a «gia» também tem serviço prático para o ofício de cortar tábuas para o painel e é precisamente este serviço que me encaminha com objectividade para uma prova capital do local definido no painel. E é nesta em seguida que vou que me referi também na «gia» a interpretação diamétrica, sempre em respeito de número, de pintura, de mensagem. Ao diametrar que «gia» fica disposta encontrar na «posição» desta disslocação não se explicam, se não pela centúnia que fizeram em tempo, e ainda que não sei quem, que sabem que «gia» é precisamente este serviço que me encaminha com objectividade para uma prova capital do local definido no painel. E é nesta em seguida que vou que me referi também na «gia» a interpretação diamétrica, sempre em respeito de número, de pintura, de mensagem. Ao diametrar que «gia» fica disposta encontrar na «posição» desta disl